

II

Teologia Wesleyana: Principais acentos e elementos norteadores

(*A teologia wesleyana*)... de acordo com os oráculos de Deus; seja **plenamente prático**, sem mistura com polêmicas de qualquer tipo, **compreensível para pessoas simples**; porém, não superficial, **com profundidade** e descrevendo a forma mais elevada do Cristianismo, **porém não místico**, não obscuro para aqueles que têm experiências nos caminhos de Deus. (grifo do autor) ¹

Para alcançar os objetivos propostos no próximo capítulo, faz-se necessário compreender melhor a teologia wesleyana, teologia que foi elaborada e tecida por Wesley em conjunto com o Metodismo nascente². Uma teologia do caminho, construída no entrelaçamento da realidade social com a leitura da Bíblia, tida nesta tese como a responsável por forjar e fundamentar a teologia social do Metodismo brasileiro, presente no documento Credo Social que será analisado.

Esta teologia, dentre várias ênfases, destaca-se pela motivação permeada por um vigoroso testemunho e prática sociais que fizeram com que o movimento metodista se diferenciasse das demais expressões religiosas existentes na Inglaterra do século XVIII. Isso fez com que o Metodismo primitivo se tornasse um instrumento de transformação da realidade da época, como já demonstrado no capítulo anterior.

Os problemas e as questões sociais tiveram um lugar privilegiado no fazer teológico de Wesley. Não obstante, no processo e/ou tentativa de entender melhor o modo de fazer teologia wesleyana, é necessário fazer a transposição teológica³, com cuidado. Isso significa que não dá para se desconsiderar os elementos culturais, geográficos, teológicos e filosóficos que influenciaram o pensamento wesleyano. Ainda que Wesley não tenha escrito uma teologia sistemática original, seu pensamento teológico tem acentos que se distinguem de outras correntes teológicas, algumas delas, consideradas até mesmo como fontes originais.

¹ WESLEY, John apud RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo andou: A salvação social e John Wesley*. p.154.

² Quando se usa a expressão “metodismo nascente”, está se referindo o que no primeiro capítulo se denominou de *metodismo primitivo*, ou seja, é o movimento iniciado por João Wesley no século XVIII.

³ Este processo consiste em fazer com que o sentido mais próximo da teologia wesleyana, elaborada no século dezoito, seja compreendido na contemporaneidade, sem que a mesma perca suas significações originais.

Wesley foi um homem de seu tempo, sendo impossível arrancá-lo da rede de relações que estabeleceu no século XVIII. Devido a isso, na primeira parte deste capítulo, apresentam-se as influências que foram decisivas, que nortearam a elaboração teológica do Metodismo nascente.

Na segunda e última parte, deste capítulo, são analisados os elementos e acentos especiais da teologia wesleyana que incidem diretamente sobre a compreensão, testemunho social e posturas libertadoras da Igreja Metodista Brasileira, referendadas no documento Credo Social e em sua Teologia Social.

1. Acentos que facilitam a compreensão sobre a Teologia Wesleyana⁴

Ao se analisar a teologia wesleyana, destaca-se, logo de imediato, um elemento que a caracteriza de forma especial: a teologia de Wesley é marcada por um equilíbrio vital e dinâmico. Este elemento coloca Wesley como o precursor de uma teologia ecumênica, alguém com capacidade e abertura para respeitar a diversidade do cristianismo. Hinson, ainda que não use a expressão *teologia ecumênica*, quando fala sobre a dinâmica do pensamento de Wesley, acentua que seu pensamento teológico é marcado pelo equilíbrio que lhe confere maiores possibilidades para estabelecer diálogo com outras expressões de fé. Também salienta, recorrendo ao texto do próprio Wesley⁵, que sua teologia evita os extremos das questões polêmicas que não podem ser facilmente comprovadas pela leitura da Bíblia. Ela não se propõe ser a verdade absoluta. Entende-se que isso confere à teologia wesleyana contemporaneidade e vivacidade pós-moderna.

A teologia de Wesley, pois, tem caráter equilibrado em quase todos os seus aspectos, procurando evitar as posições extremistas que torcem ou ignoram uma parte do evangelho. Ela procura incluir as diversas ênfases da teologia cristã; não de maneira eclética, mas equilibrada.⁶

⁴ O interesse desse item está em demonstrar o método teológico wesleyano, sem a pretensão de abordar os temas teológicos mais caros para Wesley. Sobre esse assunto, recomenda-se recorrer, dentre outras, às seguintes obras: COLLINS, Kenneth J. *Teologia de John Wesley: O Amor Santo e a Forma da Graça*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010; MEEKS, M Douglas. *Economia Global & Economia de Deus*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.

⁵ “Ambiciono a verdade simples para o povo simples: assim, de propósito deliberado, abstenho-me de todas as especulações delicadas e filosóficas”. WESLEY, John. Prefácios aos sermões. In: RENDER, Helmut e outros (ed). *Sermões de Wesley*. p. 21-22.

⁶ HINSON, William J. *A Dinâmica do Pensamento de Wesley*. p.17.

Wesley não desenvolveu uma teologia a partir de si mesmo, sem referenciais anteriores. Sua teologia deve ser vista como uma teologia do caminho, pois foi sendo moldada na estreita relação com a vida cotidiana, no entrelaçamento da realidade humana integral com as escrituras sagradas cristãs. Com isso, concorda Helmut, quando afirma que a teologia wesleyana deve ser compreendida a partir de seu viés prático.

A teologia wesleyana, avessa a especulação, é compreendida como teologia prática. Inserida na comunidade de fé, põe-se no caminho da salvação a serviço da transformação do ser humano e do mundo, conforme o propósito de Deus revelado em Cristo. Seu objetivo supremo é promover a santidade de coração, *de vida*, e estender a todos os domínios da realidade, na força do Espírito, a nova criação.⁷

1.1. Influências no pensamento teológico de Wesley

Wesley foi marcado e influenciado por vários aspectos culturais, eclesiais, teológicos, políticos, sociais e filosóficos da época e do contexto em que estava situado. Não há como estar inserido numa realidade histórica e não ser influenciado pelos aspectos e acentos peculiares da época. A leitura, como também a interpretação que se faz da realidade serão sempre mediadas por vários aspectos. A teologia wesleyana não foge a esse aspecto epistemológico, pois recebeu algumas influências que lhe deram um caráter especial e distinguível.

... Wesley estava profundamente integrado à sua época e procurou, em nome do Evangelho, responder às questões que a sociedade inglesa contemporânea consciente ou inconsciente levantava. Com efeito, é impossível arrancá-lo da rede de relações que estabeleceu no século XVIII.⁸

É notório que em muitos pontos de sua teologia e prática pastoral, Wesley se mostrou além de seu tempo, percorrendo o caminho da resignificação dos conteúdos da fé cristã. Ele se destacou por inovar e reacender alguns elementos da teologia da Igreja Cristã que haviam sido esquecidos pelo século XVIII, fato ratificado por Helmut:

Gostaríamos, então, de mostrar que as necessidades da vida e da missão levaram John Wesley a um amplo diálogo e a uma criteriosa adaptação, às vezes, transformação, mas certamente, acentuação de doutrinas clássicas do Cristianismo, como ele as encontrou preservadas nas igrejas e nos movimentos da sua época. A originalidade do trabalho teológico de John Wesley não está tanto na invenção ou criação de novas doutrinas - fato que ele mesmo não cansou de

⁷ RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo andou: A salvação social em John Wesley*. p.17.

⁸ SOUZA, José Carlos de. *Fazendo teologia numa perspectiva wesleyana*. In: *Caminhando*, 300 Anos de John Wesley. Ano VIII, nº 12 – 2º Semestre de 2003. p. 127.

repetir - mas na combinação de propostas dinâmicas, na identificação e rejeição de doutrinas opostas a sua visão do objetivo principal da soteriologia: ser útil para operacionalizar ações salvíficas concretas.⁹

Wesley não inventou uma nova doutrina, mas se empenhou em fazer uma releitura dos enunciados da fé cristã que eram aceitos pelo Cristianismo até o quarto século da era cristã. Ele procurou fazer com que as Escrituras Sagradas fossem entendidas pelas pessoas simples. Esse era um dos seus grandes objetivos.

O Metodismo, baseado nas Sagradas Escrituras, aceita completa e totalmente as doutrinas fundamentais da fé Cristã, enunciadas nos Credos promulgados pelos Concílios da Igreja dos primeiros quatro séculos da Era Cristã. Essa aceitação se traduz na vida do crente na prática cotidiana do amor a Deus e ao próximo (Jo. 13.34-35; Dt 6.5), como resposta à graça de Deus revelada em Jesus Cristo. Ela se nutre em autêntica vida de adoração ao Senhor e de serviços ao próximo (Jo 4.41-44). De forma alguma o Metodismo confunde a aceitação das doutrinas históricas do cristianismo com as atitudes doutrinárias intelectualistas e racionalistas, nem com a defesa intransigente, fanática e desamorosa da ortodoxia doutrinária. “No essencial, unidade; no não essencial, liberdade; em tudo, caridade” (Jo 17.20-23, Ef. 2.14-16).¹⁰

Também não se pode tentar enxergar Wesley como um teólogo sistemático na concepção exata do significado da expressão, visto não ter escrito uma teologia sistemática. Com isto corrobora Burtner e Chiles ao nos informar que,

Wesley não foi um teólogo sistematizado (sistemático) como o foi, por exemplo, Calvino. Na sua vida muito ativa, ele raramente estudou uma doutrina suficientemente de modo a dar forma organizada e adequada a todos os seus detalhes sutis. Neste sentido, ele não é diferente de Lutero. Talvez a fonte mais compensadora da teologia de Wesley sejam os seus sermões, os quais foram pregados ao povo mais simples. Embora eles sejam lógicos, sucintos e conduzam análises doutrinárias a extensões surpreendentes, a sua natureza impede que sejam curtos tratados teológicos.¹¹

Isso não significa que a teologia wesleyana não apresente uma clara estrutura analítica e sistemática. Pois, ao analisá-la, percebe-se que ela mostra uma estrutura teológica bem delineada, com passos e procedimentos claros. Existe nela uma vívida consciência da necessidade de refletir a fé a partir das fontes do conhecimento teológico. Ela se destaca por mostrar preocupação e sensibilidade de interpretar a vontade divina para seu momento histórico¹². Por isso, faz-se apropriado dizer que ela é uma *teologia do cotidiano, Ad populum*, pois procurava

⁹ RENDERS, Helmut. op. cit. p. 84.

¹⁰ Plano Para Vida e Missão da Igreja. In: *Cânones*, 2002. p77.

¹¹ BURTNER E CHILES. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. p.1,2.

¹² Para se obter mais informações sobre o assunto, recomenda-se a leitura do texto que se encontra na *Revista Caminhando*, nº6, intitulado: Um modo de fazer teologia equilibrado, dinâmico e vital.

responder às inquietações que afligiam os pobres e os que desejavam viver uma vida de piedade e sinceridade diante de Deus. Wesley desconfiava dos interesses dos ricos pela religião.

A realidade e seus desafios vão moldando a teologia de Wesley, que se constitui numa via dialógica: Bíblia e vida. Com isso, concorda Renders quando afirma que “a pedagogia e a teologia de Wesley foram profundamente configuradas pelo cotidiano, pela ‘participação no social e na cultura’ ”¹³.

Sobre a elaboração teológica de Wesley, José Carlos de Souza, teólogo latino-americano, nos diz que,

Muito embora não possamos equiparar John Wesley à escolástica medieval, a Calvino, à ortodoxia luterana ou aos chamados teólogos dogmáticos de nossa época, como Karl Barth, por exemplo, no que se refere ao caráter estritamente sistemático de suas formulações, a sua teologia comporta passos e procedimentos peculiares. Pensar, pois, a ação da Igreja na ótica wesleyana implica, no mínimo, cuidadosa atenção às mesmas orientações gerais. Requer-se, antes de tudo igual solicitude no tratamento do que se convencionou denominar pela expressão fontes¹⁴ do conhecimento teológico.¹⁵

Grande parte da teologia de Wesley se encontra nos seus sermões, escritos e pregados às pessoas simples que compunham as sociedades metodistas. Pessoas que não conseguiam entender a prédica sofisticada e descontextualizada, longe das experiências cotidianas, dos bispos e de alguns sacerdotes anglicanos. E isso, não deve ser compreendido como um ponto negativo, mas, ao contrário, como um elemento que lhe faz ter eco entre as pessoas pobres. Para Wesley, os pobres tinham a sensibilidade que não percebia nos ricos. Devido a isso, eram mais acolhedores. Essas pessoas simples, alvos do Metodismo nascente, que não estavam interessadas nas discussões inócuas de uma teologia sofisticada, esvaziada de afetividade e que não conseguia responder às suas inquietações,

¹³ RENDERS, Helmut. Credo e Compromisso: *Do significado e do uso litúrgico da Confissão Social do chamado “Credo Social da Igreja Metodista”*. In: *Caminhando*. ano VIII, nº.11, 1. sem. 2003, p.58.

¹⁴ Para Wesley o conhecimento teológico é obtido a partir da relação estreita de quatro fontes, a saber: Bíblia, Experiência, Tradição, Razão. Esta estrutura sistemática é conhecida como Quadrilátero Wesleyano, que tem a Bíblia como elemento central. Isso significa afirmar que a Bíblia, fonte suprema da revelação divina, deve ser lida tendo como instrumentos auxiliares para sua interpretação os elementos do quadrilátero wesleyano. Neste quadrilátero reside o equilíbrio da teologia wesleyana.

¹⁵ SOUZA, José Carlos de. Fazendo teologia numa perspectiva wesleyana. In: *Caminhando*. Ano VIII, nº 12, 125-143, 2º semestre de 2003. p.134.

viam no discurso e na prática wesleyana um porto seguro. Portanto, Wesley em sua teologia

procura estar atento não somente às necessidades pastorais da comunidade cristã como também às perguntas de seus contemporâneos, especialmente os empobrecidos, as pessoas simples, o povo comum. Abandona, então, sofisticação de linguagem, e elabora o que chamaríamos hoje, de uma teologia do cotidiano. Já no prefácio da coleção de seus Sermões, ele revela, principalmente aos que buscam apenas a elegância de estilo ou o brilho da erudição, a sua real intenção ‘... escrevo como geralmente falo, isto é, para o povo – ad populum: à massa humana, àqueles que nem apreciam, nem compreendem a arte de falar, mas que são, não obstante, competentes juízes das verdades necessárias à felicidade presente e futura [...] Ambiciono a verdade simples para o povo simples...’ (Sermões I, p.21.).¹⁶

Wesley preferiu ser simples, não por que lhe faltasse conhecimento, ou profundidade¹⁷. Seu grande objetivo foi desenvolver uma teologia que levasse seus ouvintes a perceber e a sentir a necessidade de Deus e de sua graça.

1.1.1. Influências Teológicas

Ao analisar os pressupostos e ênfases destacadas pela teologia wesleyana, percebe-se a confluência de vários matizes teológicos e, por isso, deve-se levar em consideração a ascendência do precursor do Metodismo. Wesley era descendente de ingleses que, além de confessarem a fé anglicana de origem reformada, parte deles ainda professava uma fé pietista e puritana.

Portanto, ao se analisar a árvore genealógica de Wesley, percebe-se a confluência de valores religiosos oriundos de variantes que não se resumem ao anglicanismo oficial, mas que perpassam o puritanismo, o pietismo, o misticismo católico oriental e outras fontes. Theodore Runyon confirma essa rede de influências variadas na composição estrutural da teologia wesleyana, acentuando-as como um fator positivo que torna o pensamento de Wesley capaz de dialogar com o momento atual.

João Wesley emerge do século XVIII como um personagem surpreendentemente ecumênico. Ele descendia não apenas de uma igreja e uma tradição, mas foi influenciado por não menos que cinco heranças, que ele combinou de maneiras

¹⁶ Caminhando. *Teologia Em Perspectiva Wesleyana: Marcas Metodistas*. nº 6. p. 15.

¹⁷ Vale destacar que Wesley estudou em duas excelentes escolas na Inglaterra: no Licon College e na Universidade de Oxford, ambas de influência puritana e filosoficamente alinhadas com o pensamento de Aristóteles. Em Oxford, graduou-se em bacharel e mestre em Arte. Posteriormente, tornou-se professor nessa mesma universidade. Além de dominar o idioma inglês, sua língua materna, dominava o francês, latim, grego e o hebraico; estudou também o espanhol e o alemão. Como escritor, escreveu dezenas de sermões, textos e livros. Dentre os livros escritos por Wesley se destaca um livro de medicina popular que foi editado várias vezes durante a sua vida.

criativas e, em vários aspectos, novas. Tais heranças foram o puritanismo, o anglicanismo, o pietismo morávio-luterano, o catolicismo romano e a ortodoxia oriental.¹⁸

A teologia organizada por Wesley é fruto de uma rede de elaborações teológicas das mais diversas tendências. O que não sugere que a teologia wesleyana seja um emaranhado eclético de influências teológicas, sem sistematização, ou pilar estrutural. Ao contrário, isso aponta para existência de uma teologia com fronteiras elásticas, com uma rica capacidade ecumênica, com mais facilidade para dialogar com um mundo multirreligioso e pluricultural. Vendo-a dessa forma, essa afirmação se configura como um ponto positivo da teologia wesleyana, que manifesta uma incrível e salutar abertura ecumênica. Uma abertura que possibilita a aproximação convergente e dialógica com as várias tradições do Cristianismo. Esses acentos lhes dão contemporaneidade.

Para Theodore Runyon, a presença dessas influências oriundas de vários matizes teológicos no pensamento de Wesley demonstra a compreensão wesleyana sobre a riqueza expressiva do evangelho de Cristo, que não se resume ou se esgota numa só tradição de fé. Entende-se que essa riqueza herdada por Wesley, possibilita uma rica abertura ecumênica¹⁹ à teologia wesleyana.

Confirmando esta tese, Antonio Gouvêa de Mendonça, entende que a teologia wesleyana deve ser pensada como um ótimo resultado da simbiose das várias tendências do protestantismo do século XVIII.

Com o movimento wesleyano, o processo de Reforma atingiu o seu tempo e, parece, como uma feliz síntese das tendências do protestantismo que, na linha da reforma de Calvino, passou pelo arminianismo e pelo puritanismo, não deixando, por outro lado, de capitalizar elementos do luteranismo ortodoxo e o emocionalismo dos pietistas.²⁰

Mendonça se esqueceu de mencionar o papel significativo que desempenhou na vida de Wesley a influência da espiritualidade anglicana²¹, representado por William Law, Jeremy Taylor, Henry Scougal, John Heylin, a influência do catolicismo antigo, além da influência da espiritualidade de alguns

¹⁸ RUNYON, Theodore. *A Nova Criação: a teologia de João Wesley hoje*. p.259.

¹⁹ Falar-se-á sobre este aspecto quando se estiver estudando a ecumenicidade da teologia social do metodismo brasileiro.

²⁰ GOUVÊA MENDONÇA, Antônio. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. p.45.

²¹ RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo andou: A salvação social em John Wesley*. p.112.

místicos espanhóis, como Molinos²², Gregório López e outros. Wesley lia frequentemente as obras destes autores citados, inclusive recomendava aos pregadores metodistas que também lessem alguns destes textos²³. A influência de Gregório López, místico espanhol é tanta, em Wesley, que o mesmo afirmava que López era um modelo de santidade²⁴.

De Law, Wesley herdou o arcabouço teológico necessário para elaborar a sua compreensão sobre a perfeição cristã, doutrina vista como um dos pilares da teologia wesleyana. Sua sede e busca por um Deus que pode ser sentido e experimentado e que se revela é também fruto da rica influência da mística de William Law. Mesmo que mais adiante, Wesley venha a perceber que algumas concepções de Law não se traduziam num cristianismo prático, social, fato que o fez se distanciar dos ensinamentos desse místico anglicano, não se pode negar a decisiva influência que recebeu desse autor. Wesley não somente leu os textos Law, mas os recomendou e os usou com frequência nas reuniões das sociedades metodistas.

Apesar de ter grande consideração pelo pensamento de alguns místicos, Wesley, em geral, possuía um juízo extremamente crítico em relação ao misticismo. Ele tinha enorme dificuldade em aceitar uma religião afastada da realidade social.

Para ele, o Cristianismo é necessariamente uma religião social, comprometida com o ser humano, de modo particular, com os pobres, com os enfermos e com os necessitados. Assim ele se expressa:

Esforçar-me-ei por mostrar que o Cristianismo é essencialmente uma religião social; e que reduzi-la tão só a uma expressão solitária é destruí-la [...] Quando digo: esta é essencialmente uma religião social, digo que não só ela precisa da sociedade para existir, mas que não pode subsistir, de nenhuma forma sem ela; isto é, que deve viver e conviver entre seres humanos.²⁵

²² Molinos desenvolvia uma espiritualidade muito quietista na concepção de Wesley, que levava seus seguidores a se afastarem do mundo e seus conflitos. Apesar disso, Wesley colocou parte do Guia de Molinos em sua Biblioteca Cristã.

²³ Wesley criou uma Biblioteca Cristã, composta de 50 volumes, que deveria ser lida e consultada constantemente pelos líderes e pregadores metodistas. Ele entendia que a sua Biblioteca Cristã possuía uma seleção dos melhores escritos existentes em língua inglesa sobre o que ele chamava de “practical divinity”.

²⁴ “...Gregório López (católico) é um dos modelos referenciais de Wesley. Ele o tinha como medida e prova do que se pode alcançar na relação com Deus. Assim, por exemplo, no sermão por ocasião da morte de seu amigo e colega John Fletcher, Wesley afirma que, por muito tempo, não acreditava poder encontrar em toda a Grã-Bretanha, pessoa alguma que pudesse se comparar a Gregório López, até que por fim o encontrou em Fletcher.” (GONZÁLES, Justo L. *Wesley para América Latina Hoje*. p. 27.)

²⁵ WESLEY, John apud UBERTO BARIERI, Sante. *Aspectos do Metodismo Histórico*. p. 9.

Quanto ao aspecto comunitário, tão presente e enfatizado por Wesley, deve-se afirmar que essa compreensão representou uma virada significativa das posturas pastorais do Metodismo nascente. Em seu diário, consta que, preocupado com um Cristianismo que pouco influenciava a realidade social caótica do século XVI, Wesley se encontra com *um homem sério*, cujo nome não é mencionado e recebe a seguinte conselho: “O senhor deseja servir Deus e ir para o céu. Lembre-se que o senhor não poderá servi-lo sozinho. Por isso o senhor deve encontrar seus companheiros; ou, então, fazê-los. A Bíblia não sabe nada de uma religião solitária”²⁶. Esse conselho marca em profundidade Wesley, determinando sua trajetória a partir desse momento.

Comentando as influências teológicas no pensamento wesleyano, Justo Gonzáles salienta que Wesley, em sua teologia, dá importância especial à santidade e à consequente busca da santificação, sendo isso parte da herança recebida da tradição reformada e puritana.

Logo, Wesley é herdeiro dessa tradição reformada e puritana de ênfase na santidade, que logrou tanta proeminência na Inglaterra dos séculos dezessete e dezoito. Porém, de outro lado, Wesley sabia, por experiência própria, que essa ênfase na santidade, se não fosse acompanhada de outra ênfase ainda maior na graça e no amor de Jesus Cristo, poderia ter consequências desastrosas.²⁷

Runyon acrescenta, que da tradição luterana, o metodismo recebeu a radicalidade acentuada no papel da graça justificadora e da graça santificadora. Isso dará um tom especial na abordagem wesleyana de santificação social.

Da tradição luterana, veio a radicalidade da graça que justifica a divina iniciativa que renova o relacionamento com a criatura não a partir da sua santidade por merecimento, mas somente pela misericórdia, do perdão e da aceitação divinos. A aceitação por parte de Deus possibilita uma vida de fé e confiança. O que Wesley acrescentou a essa mensagem foi a boa-nova de que essa aceitação divina é vivenciável, de que a “graça é perceptível”.²⁸

Está claro que não se pode compreender a teologia wesleyana, sem se conscientizar de que Wesley desenvolveu uma teologia que foi elaborada no entrecruzamento de pensamentos teológicos distintos.

²⁶ JOSGRILBERG, Rui de Souza Josgrilberg. A motivação originária da teologia wesleyana: o caminho da salvação. In: *Caminhando, 300 anos de John Wesley*. p. 106.

²⁷ GONZÁLES, Justo L. *Wesley Para América Latina Hoje*. p. 33.

²⁸ RUNYON, Theodore. op.cit. p.276.

1.1.2. Influência Filosófica

Além de receber influência das melhores tradições da teologia cristã da época, a teologia wesleyana também sofreu a influência filosófica de John Locke²⁹, que viveu no século XVII. Locke (1632–1704) iniciou aquilo que conhecemos como método empírico³⁰.

Por influência da Filosofia de Locke no pensamento wesleyano entende-se, aqui, a apropriação que Wesley fez da concepção de experiência de Locke para falar sobre a natureza do conhecimento religioso. Ainda que certos autores do metodismo desconsiderem essa influência, nesta tese trabalha-se com a hipótese de a mesma ter sido determinante para a construção teológica de Wesley. Helmut, mesmo que não tenha visto esta influência como determinante, acentua que Wesley sentia-se à vontade com o empirismo, fazendo uso constante de alguns de seus aspectos,

Wesley apreciava a contribuição do empirismo para o campo religioso e da filosofia de John Locke [...], em particular. De um jeito bem empirista, John Wesley compreende a experiência religiosa como meio de evidenciar a presença de Deus na vida.³¹

Wesley entendia, assim como Locke, que a experiência é um passo decisivo para a elaboração lógica do pensamento do ser humano. Ela é uma das portas do conhecimento juntamente com a reflexão.

²⁹ John Locke nasceu em Wrington, em 1632. Estudou filosofia, ciências naturais e medicina na Universidade de Oxford. Em 1665, foi enviado para Brandeburgo, como secretário. Em seguida, ocupou a função de assessor de Loed Ashley, futuro conde de Shaftesbury. Esta aproximação e dedicação lhe custaram alguns dissabores políticos. Indo para a França, conheceu as personalidades mais destacadas da cultura francesa do *grand siècle*. Em 1683 refugiou-se na Holanda, onde participou do movimento político que levou ao trono da Inglaterra Guilherme de Orange. De volta à pátria, recusou o cargo de embaixador e se dedicou inteiramente aos estudos filosóficos, morais, políticos. Passou seus últimos anos de vida no castelo de Oates (Essex), junto de Sir Francisco Masham. Faleceu em 1704. As suas obras filosóficas mais notáveis são: o *Tratado do Governo Civil* (1689); o *Ensaio sobre o Intelecto Humano* (1690); os *Pensamentos sobre a Educação* (1693). As fontes principais do pensamento de Locke são: o nominalismo escolástico, cujo centro famoso era Oxford; o empirismo inglês da época; o racionalismo cartesiano e a filosofia de Malebranche. (Fonte: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/locke.htm> – Acessado em 02/11/2006)

³⁰ O ponto de partida de *Locke* consiste: primeiro, em negar que na alma humana haja alguma idéia inata; segundo, em perguntar-se: qual é a origem das restantes idéias? Se não há na alma nenhuma idéia inata, se a alma é semelhante a um papel branco, *White paper*, ou como traduziram seus tradutores latinos, uma “*tabula rasa*” (tábua rasa) na qual nada está escrito e tudo vem a ser escrito posteriormente pela experiência; se não há, pois, idéias inatas, o problema é saber qual é a origem das idéias; e este é o problema que Locke trata com maior profundidade. (GARCIA MORENTE, Manuel. *Fundamentos de Filosofia*, I: Lições preliminares. 8ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1980. p.181)

³¹ RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo andou: A salvação social em John Wesley*. p.105.

O empirismo de Locke:

Para o empirismo, a ciência deve estar sustentada na observação e na experimentação, que indutivamente vai formando suas leis e postulados. Etiologicamente, o termo de origem grega *empeiría* significa a experiência sensorial. Duas são as fontes possíveis de nossas ideias: a sensação (experiência externa – experiência dos sentidos) e a reflexão (experiência interna). Através da sensação, o ser humano, após experimentar ou sentir algo, tem uma modificação mínima da mente. Não obstante, na reflexão, a alma percebe aquilo que nela própria acontece.

Ao analisar os pressupostos do empirismo, nota-se que esta escola se divide em duas posições. A primeira vertente sustenta que todo conhecimento deriva da experiência, não havendo espaço para o conhecimento *a priori* (esta é a posição empirista radical); Já a segunda vertente defende a concepção que, ainda que todo conhecimento substancial derive da experiência, existe certo conhecimento *a priori*. Sendo este superficial e nada tendo de substancial sobre a realidade externa, exprime meras relações entre os conceitos³².

De modo geral, esta escola filosófica, em especial a vertente de Locke, afirma que as ideias são frutos da percepção sensorial (visão, audição, tato, paladar, olfato) das coisas, dos objetos e das realidades externas. Essa perspectiva filosófica vê o conhecimento substancial como derivado da experiência e das impressões resultantes, colhidas pelos cinco sentidos. A partir destes postulados, Locke entende que nada vem à mente sem antes ter sido experimentado pelos sentidos. Ele conclui que somos um receptáculo onde se gravam impressões do mundo externo, com capacidade de elaborar uma sólida reflexão do que se experimenta.

A experiência como elemento fundante do conhecimento estruturado humano

Usando um termo consagrado por Aristóteles, Locke afirma que ao nascer todos somos uma *tabula rasa*. Em sua compreensão, “ao nascermos, nossa mente é como um papel em branco, completamente desprovida de idéias substanciais”³³, que são concebidas a partir do contato com a realidade externa, isto é, da

³² Empirismo - <http://www.defnarede.com/e.html>. Acessado em 12/08/2010.

³³ C:\Users\Administrador\Documents\Marco Antonio - Documentos\Mestrado\Filosofia Virtual.mht. Acessado em 18/08/2010.

observação dos dados sensoriais ³⁴. Não há possibilidade de se elaborar uma reflexão substancial das coisas sem a experiência. Em síntese, pode-se afirmar que sua filosofia não parte do ser, elemento basilar da filosofia clássica, mas do pensamento (Gnosiologia).

A ideia é o resultado de alguma impressão que, por conseguinte, possui diferentes graus de autenticidade, ou de fidelidade à realidade experimentada. A mente humana, através dos sentidos, consegue registrar as impressões colhidas do exterior e isto acontece na medida em que se passa por experiências. Logo, para Locke, a mente humana deve ser entendida como recipiente que vai se enchendo à medida que tem contato com o mundo externo, porém é incapaz de ter uma ação que não seja a interpretação e a manipulação dos dados sensíveis³⁵. Em sua tese, o desprezo aos dados sensíveis é responsável pelas interpretações absurdas que dão origem às falsas crenças, tão presentes no contexto da Inglaterra do século XVII. Ressalta-se que essa compreensão lockeana será marcante na teologia wesleyana, que vê o cristianismo como uma religião comunitária, objetiva e prática.

1.2. A recepção em Wesley das ideias de Locke

Wesley³⁶ se sentiu à vontade com parte das ideias de Locke, que acabaram fornecendo-lhe subsídios importantes para a configuração do método teológico que desenvolveu. Ao sentir-se atraído pelas concepções e pelo método de John Locke, Wesley via a possibilidade da rejeição das concepções de Descartes, que afirmava, em seu método racionalista, a auto-suficiência da razão humana e advogavam a concepção das ideias inatas. O racionalismo de Descarte afirma o domínio absoluto do intelecto, do entendimento racional, da razão sobre todas as demais coisas. Não há espaço devido na filosofia cartesiana para sustentar a ideia de um Deus que se revela e que pode ser apreendido pela mente humana e descoberto a partir de uma experiência.

³⁴ Ibidem.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ele não somente leu alguns textos de Locke, dentre eles, o ensaio sobre o Entendimento Humano, assim como o colocou no currículo da Escola de Kingswood, publicando parte do texto no *Arminian Magazine*.

Para Descartes, há três grupos de ideias, a saber: adventícias³⁷, fictícias³⁸ e inatas. Em seu método, as ideias inatas constituem o arquivo próprio do espírito, da mente, da alma. São ideias inerentes à alma humana, que não devem ser consideradas como formadas pela imaginação a partir de dados externos. Ou seja, não advêm da experiência externa, ou da imaginação do próprio ser. Para ele, a concepção que temos da existência de Deus vem das ideias inatas. Independente da certeza, ou não da existência de Deus, o ser pensante acredita nesta possibilidade. Não há nenhuma importância no cartesianismo à discussão da existência real de Deus, ou não. Logo, também não há na concepção de Descartes necessidade de se ter uma experiência com Deus para ter na alma a concepção de sua existência. Deus é uma ideia preconcebida.

Descartes havia buscado a resposta a essas perguntas na teoria das ideias inatas. A certeza não pode ser encontrada em uma autoridade exterior à mente, mas na própria razão. As ideias mais fundamentais não provêm do exterior, são inatas, estão latentes na mente e inspiradas pela intuição conforme as circunstâncias as tornam apropriadas. Portanto, a certeza é encontrada no interior do sujeito pensante. ‘Cogito, ergo sum’ foi a sua famosa formulação sobre este princípio. A mente pensante é o fundamento sobre o qual toda realidade é estabelecida.³⁹

Diferente de Descartes, Locke insistia que para se conhecer a verdade, a realidade das coisas, deve-se estar aberto às informações do mundo exterior, cabendo à razão a tarefa da reflexão das informações colhidas pela experiência. Wesley via nesta compreensão filosófica de Locke a possibilidade de suplantar Descartes, além de sustentar filosoficamente sua teologia da queda do ser humano, que segundo sua compreensão, tornou o ser humano incapaz de conhecer Deus a partir de si mesmo, de sua própria razão, contrapondo-se às afirmações de Descartes. A prioridade não é da mente humana, no que tange ao conhecimento de Deus, mas é o Espírito divino que possibilita isso ao ser humano. “É Deus quem toma a iniciativa de se revelar à humanidade e ele não é conhecido como salvador até que o coração divino seja conhecido por meio da experiência”⁴⁰.

Na concepção wesleyana, diferentemente da concepção racionalista, o homem não é bom em si mesmo, nem sua razão é tão plena e capaz. A

³⁷ As ideias adventícias são as que sobrevêm nas pessoas, motivadas pela presença da realidade externa.

³⁸ As ideias fictícias são as que, por meio da imaginação humana, forma-se na alma.

³⁹ RUNYON, Theodore. *A nova criação: A teologia de João Wesley*. p.95.

⁴⁰ WESLEY, John apud RUNYON, Theodore. *A nova criação: A teologia de João Wesley* p.97.

compreensão humana está marcada pelo pecado, que é uma força que a leva a quase constantemente contrariar a vontade de Deus. A compreensão intelectual do ser humano sobre Deus é incerta e insuficiente sem a experiência religiosa para descrevê-lo. Ainda que essa cosmovisão sobre o humano rompa com alguns postulados da modernidade, não há como negar que a teologia wesleyana acaba corroborando com uma compreensão menos mecanicista da constituição humana, quando percebe um ser humano mais afetivo, mais dependente da experiência e do entrelaçamento social histórico.

Para Wesley, ao encontrar Deus, o ser humano adquire a possibilidade de recriar sua condição original perdida na queda. Ele acredita que a experiência com Deus faz surgir uma nova criação, pois o conhecimento de Deus transforma radicalmente aquele que passa por ela. Wesley entende que este conhecimento acerca de Deus sempre é resultado da experiência de uma fonte que não está intrínseca no ser humano, mas externa.

Assim, em contraste com o conhecimento intuitivo que vem de dentro, Wesley entende que o nosso conhecimento de Deus é mediado pela experiência de uma fonte exterior a nós... Assim, o método lockeano, como empregado por Wesley, nega prioridade à mente humana e a atribui ao Espírito, ao possibilitar o genuíno conhecimento de Deus. É Deus quem toma a iniciativa de se revelar à humanidade, e ele não é conhecido como salvador até que o coração divino seja conhecido por meio da experiência.⁴¹

Assimilando o método de John Locke na constituição de seu pensamento teológico, Wesley efetuou duas grandes mudanças significativas na aplicação de sua teoria sobre o conhecimento religioso, conforme também salienta Theodore Runyon.

1.2.1. Primeira Mudança realizada por Wesley no método empírico de Locke

Os sentidos espirituais

A primeira mudança relaciona-se à insistência de Wesley na existência de outros sentidos, além dos sentidos físicos. Para ele, o ser humano tem sentidos espirituais a serem descobertos e experimentados. Estes sentidos espirituais capacitam o ser humano a discernir a realidade espiritual, que não é percebida

⁴¹ RUNYON, Theodore. *A nova criação: A teologia de João Wesley*. p.97.

pelos sentidos físicos. Ele insiste que a renovação da imagem divina e o conseqüente reflorescimento dos sentidos espirituais é obra do Espírito divino na experiência de conversão.

Ainda que sejam latentes ao ser humano, os sentidos espirituais, devido ao pecado original e à falta de uso, se atrofiaram totalmente, ou quase não são percebidos. A experiência como meio para se conhecer a Deus desperta esses sentidos espirituais. Deve-se ter consciência que na cosmovisão wesleyana, o ser humano é muito mais que estrutura física, ele é um ser multifacetário, com dimensões que perpassam o psicológico, o afetivo, o relacional, o social, e a sexualidade.

Sobre os sentidos, “*Wesley* nos diz: Assim como temos cinco sentidos físicos por meio dos quais adquirimos conhecimento de nosso mundo físico, temos também em “sensório espiritual” cujo propósito é discernir a realidade espiritual.”⁴²

Enquanto o homem se encontra no estado meramente natural, antes que seja nascido de Deus, possui, em sentido espiritual, olhos, e não vê; um espesso véu impenetrável está sobre eles. Possui ouvidos, mas, não ouve; é profundamente surdo a tudo que mais lhe interessa ouvir. Seus demais sentidos espirituais estão anulados e é o mesmo que se os não tivesse. Daí não ter conhecimento de Deus, nenhum contacto com Ele: o homem natural não se relaciona com Deus de modo nenhum. Não tem verdadeiro conhecimento das coisas de Deus, nem das coisas espirituais ou eternas; por isso, embora seja um homem vivo, é um cristão morto. Logo, porém, que é nascido de Deus há uma total mudança em todos aqueles pormenores.⁴³

Wesley entende que a experiência da conversão restaura os sentidos espirituais que haviam sido perdidos com a queda do homem. Sentidos estes que, em sua compreensão, são importantes e necessários para se registrar as impressões oriundas da experiência como uma fonte que transcende o próprio ser humano, que é Deus. Entretanto, ainda que seja dado destaque especial à experiência religiosa, na concepção teológica wesleyana, a razão tem um papel fundamental no processo da obtenção do conhecimento religioso, visto que essas impressões oriundas dos sentidos espirituais são transmitidas à razão, para que aconteça, então, a reflexão. Não há inata no ser humano, a capacidade de percepção das coisas espirituais, ou da realidade espiritual.

⁴² WESLEY, John apud RUNYON, Theodore. op. cit. p.98.

⁴³ http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/SERMAO_45.pdf. Acessado em 02/08/2010.

Theodore Runyon acentua que segundo Wesley, a condição do ser humano antes da experiência religiosa é de total insensibilidade à realidade espiritual:

A condição da humanidade é, portanto, de insensibilidade à realidade espiritual, de sentidos espirituais insensíveis e de ignorância do divino; por isso, é preciso uma intervenção de recriação por parte do Espírito divino para que o véu da ignorância seja removido e os sentidos espirituais sejam despertados. A regeneração é um ato criativo divino que chama os mortos à vida; o novo nascimento abre um novo mundo de sensibilidade à realidade espiritual.⁴⁴

1.2.2. Segunda Modificação realizada por Wesley no método empírico de Locke

A experiência religiosa pode transformar radicalmente o ser humano

A segunda modificação que Wesley empreendeu no método de Locke, para fazer justiça à natureza do conhecimento religioso, consiste na afirmação de que a experiência religiosa para ser autêntica é inevitavelmente transformadora. O empirismo, ao contrário, afirma que a mente humana não é afetada plenamente pela experiência, ainda que esteja convicto de que o conhecimento substancial seja adquirido através do contato com a realidade externa⁴⁵.

Porém, Wesley insiste em afirmar que a experiência religiosa não somente impacta o ser que a vivencia, como também é paradigmática⁴⁶. Ela imprime no ser um novo sentido, totalmente diferente do anterior. Faz com que o amor de Deus inunde o ser humano, dando-lhe um novo coração e novas atitudes. Agora, esse ser humano se voltará para o próximo, se empenhando em fazer o bem para toda sociedade. Aquele (a) que passa pela autêntica experiência religiosa é transformado pela revelação divina. Acredita-se que, nesse acento wesleyano, há certa compreensão mágica da experiência religiosa, oriunda da influência dos místicos da Igreja, no que tange a deificação do ser humano.

O sujeito, na concepção wesleyana, não é o agente da experiência religiosa, ou seja, as sensações não são autoproduzidas, mas reflexos da ação do Espírito de Deus no coração humano, transformados pelo conhecimento que lhe invade. Deus somente é conhecido pela criatura, quando experimentado. Segundo

⁴⁴ Ibidem. p.101.

⁴⁵ <http://www.defnarede.com/e.html>, Acessado em 02/08/2010.

⁴⁶ RUNYON, Theodore. op. cit. p. 104, et. seq.

Runyon⁴⁷, para Wesley a experiência religiosa possibilita a realização do propósito divino em renovar a imagem de Deus no ser humano.

Porém, ainda que a teologia wesleyana insista que restauração da imagem de Deus no ser humano se inicie após a experiência de conversão, uma experiência autêntica, não afirma que este ser humano se torne divino, assim como os padres do oriente afirmavam⁴⁸. Não há no horizonte wesleyano⁴⁹ essa possibilidade ainda que alguns insistam que a doutrina da perfeição cristã esboçada por Wesley sugira. A insistência em tentar ver na teologia wesleyana a ideia de deificação do ser humano é um grande equívoco, pois perfeição cristã, na compreensão wesleyana, não tem ligações com a ideia de divinização do ser humano, mas com a ideia de perfeição em amor, em atos de misericórdia⁵⁰.

Para Wesley, esta transformação ocorrida após a experiência religiosa, que faz a pessoa parecida com Deus, somente acontece para ser possível refletir Deus, ser como ele é, perfeito em amor⁵¹. As pessoas não se tornam deuses, apenas têm as virtudes divinas reacendidas, impressas na alma transformada.

Em síntese, pode-se afirmar que a influência das ideias de Locke na teologia wesleyana é significativa, ainda que Long discorde⁵², pois ela norteia a compreensão percebida em Wesley, no tocante, ao valor que é dado à educação; na visão de ser humano que é desenvolvida em sua teologia; na afirmação da autonomia humana presente em seus escritos; no acento especial à razão, evidenciado no quadrilátero wesleyano; no acento da tese de igualdade de todos os seres humanos, elemento que perpassa e influencia o combate de Wesley à escravidão; na proposição de uma teologia ecumênica expressa em sua posição centrada e equilibrada em relação às outras religiões e setores do cristianismo; na proposta de unir piedade e ciência; no acento da responsabilidade da sociedade

⁴⁷ Ibidem. passim.

⁴⁸ <http://www.triplov.com/anes/theosis.html>. Acessado em 02/08/2010.

⁴⁹ WESLEY, John. *A perfeição cristã* (sermão 40). In: RENDER, Helmut e outros (ed). Sermões de Wesley.

⁵⁰ WESLEY, John. O meio bíblico de salvação (sermão 43). In: RENDER, Helmut e outros (ed). Sermões de Wesley. pp.346/347.

⁵¹ Esta compreensão fundamenta a concepção teológica wesleyana sobre a teologia da santidade, ou da perfeição cristã. Para Wesley, a santidade se encontra com o convívio com o próximo, em especial, no serviço que a igreja faz no atendimento aos pobres. Com isto, ele ensina que Perfeição Cristã é perfeição em amor, um amor que acolhe os mais fracos. Na concepção wesleyana, santidade do crente se autentica no compromisso deste crente em amar com amor de Deus ao próximo.

⁵² LONG, Stephen D. apud RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo andou: A salvação social em John Wesley*. p.104.

pelo bem-estar dos mais pobres, e na ênfase da relação entre religião e espaço público, etc.

Após o estudo das influências que Wesley recebeu, tanto teológicas quanto filosóficas, pode-se agora compreender e destacar importantes aspectos da teologia wesleyana. Aspectos que demonstram em que base a teologia social do Metodismo brasileiro está fundamentada. Acredita-se que as influências analisadas incidem diretamente na teologia social expressa no Credo Social, dando-lhe contemporaneidade e vigor social profético.

2. A Teologia Wesleyana e seus elementos principais⁵³

A teologia wesleyana é rica em aspectos que merecem ser apresentados e apreciados. Entretanto, numa tentativa de delimitar os horizontes propostos, dentre os vários aspectos norteadores da teologia wesleyana, serão destacados aqueles que incidem diretamente e de forma positiva na teologia social do Metodismo brasileiro (TSMB).

De modo geral, percebe-se que três elementos se destacam pela vitalidade e contemporaneidade que impõe ao pensamento teológico do Metodismo brasileiro, que são: a centralidade bíblica, o equilíbrio vital e dinâmico e a espiritualidade comprometida (santificação). Ao se analisar esses elementos, deve-se ter clareza de que a teologia wesleyana é fruto da experiência religiosa de Wesley. Experiência que o levou a perceber o quanto a dinâmica eclesial da Igreja Anglicana estava desfocada do sentido primeiro do Cristianismo, longe do povo e de suas preocupações. A experiência do “coração aquecido”, mencionada no primeiro capítulo, aliada às influências tanto teológicas quanto filosóficas, levaram Wesley a entender que a Igreja é a responsável pelo cuidado integral do ser humano, em especial, dos mais pobres.

Isso significa afirmar que Wesley procurou desenvolver uma pregação e conseqüentemente uma ação pastoral que visava ao acolhimento das pessoas que o ouviam e o procuravam. Ele sempre buscou ser entendido pelos seus ouvintes, pelas pessoas pobres que caracterizavam o movimento metodista primitivo. Sua

⁵³ Segundo os Cânones da Igreja Metodista, as doutrinas metodistas são “fundamentadas nas Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento, única regra de fé e prática dos cristãos”, na “Tradição doutrinária metodista *que* orienta-se pelo Credo Apostólico, pelos Vinte e Cinco Artigos de Religião do Metodismo histórico e *nos* Sermões de João Wesley e *em* suas Notas sobre o Novo Testamento”. (Cânones – 2002, p. 31)

percepção de que o Cristianismo é essencialmente uma religião social e comunitária deu uma tonalidade especial ao seu pensamento teológico. Sua teologia parte do pressuposto de que a Igreja não existe somente para adorar a Deus, mas também para suprir as necessidades humanas. Este acento é confirmado na abordagem de José Carlos de Souza, quando assegura:

Afinal, a vida cristã é inconcebível em isolamento, fora da experiência em comunidade. Contudo, a sua existência se explica igualmente em função do propósito para o qual foi instituída, a saber, o cumprimento das leis de Deus, a realização de obras de misericórdia (alimentar quem tem fome, vestir quem está nu, visitar quem está enfermo ou na prisão, etc.) e de piedade (oração pública e privada, leitura e meditação da Palavra, participação nos sacramentos e demais meios de graça, etc.), muitas vezes, infelizmente, dissociadas umas das outras. A Igreja é um organismo vivo de piedade e de boas obras, nunca uma sem a outra, em serviço fiel a Deus e à humanidade.⁵⁴

Ciente da riqueza da teologia wesleyana, dos horizontes e dos pressupostos, deve-se ressaltar, a partir do pensamento de Reily e de José Carlos de Souza que as principais doutrinas do Metodismo, na concepção de Wesley são: o arrependimento, a fé (salvação) e a santidade. O próprio Wesley faz esse destaque, quando diz: “Nossas principais doutrinas, que incluem todo o resto, são três – as do arrependimento, da fé e da santidade. A primeira, nós consideramos como se fosse a varanda da religião; a segunda, a porta; a terceira, a própria religião”⁵⁵. Benedito Quintanilha, ainda que concorde com os autores citados acrescenta a essa lista, a experiência do ‘Testemunho do Espírito’, ênfase doutrinária evangélica de cunho pietista. Wesley insistia que a certeza da salvação era obtida através do testemunho interno do Espírito Santo na alma e que, sem essa confirmação não havia como herdar a salvação. Com respeito a essa crença, posteriormente, numa fase mais madura de sua teologia, Wesley evidencia uma maior abertura, crendo na possibilidade da salvação, sem a certeza imputada pelo Espírito Santo.

Em essência, as doutrinas do Metodismo são as mesmas da Reforma do século XVI. Wesley não acrescentou à teologia qualquer ideia nova, nem inventou nova doutrina. Sua ação foi vitalizar as doutrinas da Reforma com o fogo da experiência do Espírito Santo, na sua vida e na dos seus colaboradores. [...] Por estas doutrinas se caracterizam o genuíno Metodismo: o testemunho do Espírito e a santificação. Sem entendê-las, sem experimentá-las, não se pode afirmar e

⁵⁴ SOUZA, José Carlos. Tradição e mudança: A teologia de John Wesley para um novo milênio in: *Simpósio - A Prática do Cuidado Pastoral em Instituições Teológicas*. Revista Simpósio, nº 44 - 2002. p.56,57.

⁵⁵ The Principles of a Methodist Father Explained. Apud SOUZA, José Carlos. SOUZA. *Fazendo teologia numa perspectiva wesleyana*. op. cit. p.140.

possuir o verdadeiro cristianismo e, por conseguinte, ser um autêntico metodista.⁵⁶

2.1. Centralidade Bíblica

O aspecto que se encontra no grupo dos mais significativos e preponderantes da teologia wesleyana refere-se ao papel fundamental que as Sagradas Escrituras exercem em toda a sistematização teológica de Wesley. Aspecto esse considerado quase unanimidade entre os diversos autores e pesquisadores do Metodismo mundial, como: Ducan Reily, José Carlos de Souza, Rui Josgrilberg, William Hinson, etc.

Para Wesley, a elaboração teológica não é um ato especulativo e distanciado da realidade cotidiana. Segundo sua compreensão, o ensino da Igreja precisa ser essencialmente bíblico para ser autêntico: “Empenhei-me em descrever a religião verdadeira, escriturística, experimental, sem omitir coisa alguma que realmente lhe pertença e sem lhe acrescentar qualquer apêndice estranho”⁵⁷. Assim como os reformadores, Wesley dá um destaque todo especial à Bíblia, destacando-a como a única regra de fé e prática dos cristãos⁵⁸. Ele segue de perto os reformadores do século XVI, que deram espaço especial à centralidade bíblica e se recusaram a aceitar os demais documentos da Igreja, como tendo a mesma autoridade do texto bíblico. “Para João Wesley, como para os reformadores protestantes do século XVI, a Bíblia é regra final e constante em termos da fé e da prática da Igreja. Ele sempre dizia: *Homo Unius Libri* (*Seja eu o homem de um livro*)”⁵⁹.

O valor dado às Sagradas Escrituras, por diversas vezes, é referendado nos documentos do Metodismo brasileiro, documentos⁶⁰ da envergadura do Credo Social e do Plano para a Vida e a Missão da Igreja. É um elemento que perpassa a teologia social do Metodismo brasileiro e que a interliga com a prática ministerial de Jesus.

⁵⁶ NATAL QUINTANILHA, Benedito. *Doutrinas Metodistas*. p. 6,19.

⁵⁷ WESLEY, John. Prefácio aos sermões. In: RENDER, Helmut e outros (ed). *Sermões de Wesley*. p. 23/24.

⁵⁸ Ver artigo 2º – Das doutrinas. *Cânones*, 2002. p.31.

⁵⁹ WESLEY, John apud *Caminhando. Teologia Em Perspectiva Wesleyana: Marcas Metodistas*. Ano IV – nº6, 1993. p.15.

⁶⁰ Os dois documentos citados fazem parte do rol dos elementos básicos da Igreja Metodista no Brasil. (vide *Cânones da Igreja Metodista*, 2002, p.29).

No Plano para Vida e Missão da Igreja encontra-se afirmada essa centralidade bíblica, elo que une o Metodismo brasileiro com a herança wesleyana através dos séculos. Assim como também se acentua a estreita ligação entre metodismo e cristianismo mundial, como sua longa tradição.

O Metodismo, baseado nas Sagradas Escrituras, aceita completa e totalmente as doutrinas fundamentais da fé cristã, enunciadas nos Credos promulgados pelos Concílios da Igreja dos primeiros quatro séculos da Era Cristã. Esta aceitação se traduz na vida do crente na prática cotidiana do amor a Deus e ao próximo.⁶¹

Assim também, em todo o corpo do Credo Social da Igreja Metodista no Brasil (CSIMB), está afirmado que a consciência social metodista fundamenta-se na compreensão wesleyana sobre o que é ser cristão e sua fidelidade à palavra de Deus. Isso está evidenciado em todo o documento, a começar pelo capítulo I - Nossa Herança, onde se diz: “A Igreja Metodista afirma sua responsabilidade cristã pelo bem-estar integral do homem decorrente de sua fidelidade à Palavra de Deus, expressa nas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos”⁶². No capítulo II, onde a base bíblica do documento é destacada, as onze (11) afirmações de fé⁶³ existentes reafirmam que a teologia wesleyana é fundamentada na crença do Trino Deus (Pai – Filho (Jesus) – Espírito Santo), e nos preceitos bíblicos encontrados na Lei, nos profetas e nos Evangelhos. Novamente essa centralidade bíblica wesleyana é destacada tanto no capítulo III - (A Ordem político-social e econômica) quanto no capítulo V, onde o documento trata sobre problemas sociais.

Esta mesma compreensão é também percebida no 4º artigo de religião do metodismo histórico, onde encontramos a seguinte afirmação sobre as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento:

As Sagradas Escrituras contêm tudo que é necessário para a salvação, de maneira que o que nelas não se encontre, nem por ela se possa provar não se deve exigir de pessoa alguma para ser crido como artigo de fé, nem se deve julgar necessário para a salvação.⁶⁴

Corroborando com essas afirmações e sublinhando a centralidade bíblica na teologia de Wesley, o Colégio Episcopal da Igreja Metodista no Brasil afirma que:

⁶¹ IGREJA METODISTA. *Plano para a Vida e a Missão da Igreja*. In: *Cânones* (2002). p. 73.

⁶² *CREDO SOCIAL*. In: *Cânones* (2002). p. 45

⁶³ Estas afirmações de Fé são destacadas no capítulo III desta pesquisa.

⁶⁴ Vinte e cinco artigos de fé do metodismo – artigo de nº 5 (Da suficiência das Santas Escrituras para a salvação). *Cânones*, 2002. p.33.

A Bíblia é para Wesley a constante e última fonte de conhecimento e autoridade. O seu credo “eu sou um homem de um livro” manifesta-se através dos seus sermões e de suas obras: De modo geral, como sugerem as suas Notas, Wesley não se prende ao literalismo, embora ele constantemente faça afirmações polêmicas no seu esforço por estabelecer a infabilidade da Bíblia.⁶⁵

Ao afirmar a centralidade bíblica da teologia wesleyana, busca-se insistir que o modo de fazer teologia metodista consiste sempre em partir do texto sagrado⁶⁶. Todo modo de pensar da Igreja deve necessariamente ter o respaldo do texto bíblico. Ainda que a vida humana, sua realidade, seu sofrimento, tenham a primazia na ação pastoral do Metodismo e incidência direta no modo de fazer teologia wesleyana, o caminho metodológico wesleyano não se distancia plenamente do modelo tradicional de elaboração teológica da Igreja. No que tange à ruptura com esse modelo tradicional da Igreja, a teologia de Wesley difere da metodologia proposta pela teologia latino-americana, sem, contudo, perder seu dinamismo social reformador.

No modo de fazer teologia metodista, a Bíblia deve ser lida a partir da experiência com Deus e da vivência em comunidade. Pois a teologia não tem fim em si mesma e não é independente da comunidade de fé. Seguindo esta compreensão, os metodistas entendem que o fazer teológico da Igreja é algo transformador da realidade tanto pessoal, quanto econômica e social. Citando Lutero, Wesley afirma que “a teologia nada mais é do que a gramática da língua do Espírito Santo”⁶⁷.

Essa centralidade da Bíblia e a maneira de entender o papel da teologia impedem que o pensamento teológico wesleyano fique prisioneiro da religião alienada, solitária, afeita ao emocionalismo e à ruptura histórica. Isso se apresenta como um elemento de grande possibilidade e vigor social para o Metodismo. Pois o Metodismo entende que seu testemunho social reside no fato de que o

⁶⁵ BURTNER E CHILES. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. p.15

⁶⁶ “Permita-me ser um homem de um só livro – HOMO UNIUS LIBRI. Aí, então, fico muito distante dos caminhos tormentosos dos homens. Assento-me sozinho: só Deus aí está. Em sua presença abro, só leio este livro – para o fim de achar o caminho dos céus. Há alguma dúvida acerca da significação do que leio? Alguma coisa parece escura ou intrigada? Levanto o coração para o Pai das luzes: Senhor não é palavra tua [...]. Procuro depois o livro e considero as passagens paralelas da Escritura: comparando as coisas espirituais com as coisas espirituais. Medito-as, com toda atenção que minha inteligência é capaz. Se alguma dúvida ainda subsiste, consulto os que são experimentados nas coisas de Deus, e depois os escritos pelos quais, sendo mortos ainda falam. E o que assim aprendo, isso ensino.” WESLEY, John. *Prefácio aos sermões*. In: RENDER, Helmut e outros (ed). *Sermões de Wesley*. pp. 22/23.

⁶⁷ WESLEY apud BURTNER E CHILES. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. p.17.

cumprimento das leis, dos profetas e dos Evangelhos “consiste em amar a Deus com todas as forças da nossa vida e em amar ao nosso próximo como a nós mesmos, pois ninguém pode amar a Deus e menosprezar o seu irmão”⁶⁸.

2.2. Consciência e importância de outras fontes, além da Bíblia, para a obtenção do conhecimento religioso - Quadrilátero Wesleyano

A centralidade bíblica percebida na teologia wesleyana (TW) não deve ser vista como reducionista, ou como fundamentalismo religioso sectário que despreza a história da Igreja, a contribuição dos pais da fé, enfim, o longo processo de amadurecimento teológico e pastoral do povo de Deus. As diversas fontes orientadoras do pensamento wesleyano, demonstrados anteriormente, dão aporte para que a teologia wesleyana vá além da teologia dos reformadores e perceba o falar de Deus na história da humanidade em seus vários momentos. Não se propõe a um literalismo bíblico, fato que é percebido nas seitas presentes na Inglaterra do século XVIII, mas a uma interação simbiótica com as demais fontes do conhecimento religioso. As fronteiras Elásticas da TW lhe dão abertura para não desprezar a história da Igreja, situando-se como uma via média entre os reformadores do século XVI e o Concílio de Trento.

Ainda que para Wesley a Bíblia seja a fonte por excelência da revelação de Deus, ele não descarta a possibilidade desse conhecimento também ser obtido por outras fontes que se inter-relacionam e abrem as portas dos sentidos espirituais do ser humano, fato que Hinson também afirma.

Assim, Wesley concordou com os Reformadores no princípio de *sola scriptura*, no sentido de que as Escrituras são a autoridade final com respeito à fé e à prática cristã. Mas ele não aceitou este princípio no sentido de que a Bíblia é a única fonte de nosso conhecimento de Deus.⁶⁹

Quadrilátero Wesleyano

Além da Bíblia, Wesley insiste na existência de outras fontes do conhecimento religioso, que se inter-relacionam e se complementam, formando o que os estudiosos do Metodismo chamam de quadrilátero wesleyano. Segundo este sistema, a teologia wesleyana está fundamentada em cinco⁷⁰ elementos

⁶⁸ CREDO SOCIAL. In: *Cânones- 2002*. p. 47

⁶⁹ HINSON, Willian J. *A Dinâmica do Pensamento de Wesley*. p.12.

⁷⁰ Tradicionalmente o quadrilátero wesleyano é composto de quatro elementos, entretanto, recentemente os estudiosos do metodismo passaram a entender que mais um item deveria ser posto

essenciais que determinam sua maneira de agir, sua extensão e práxis social, a saber: (1) Bíblia⁷¹, (2) Tradição, (3) Experiência, (4) Razão, e a (5) Criação.

Concorda-se com Hinson, quando salienta que a busca de interação entre as fontes mencionadas é algo essencial na compreensão de Wesley, para se evitar os perigos de uma religiosidade extremada que desconsidera o passado, estando somente apoiada na experiência. Uma religiosidade que tem a experiência como única, ou soberana chave hermenêutica para se ler as Escrituras Sagradas do Novo e Antigo Testamento é perigosa. Desta forma, ainda que Wesley dê peso especial à experiência religiosa, indo além da tríade proposta pelo anglicanismo (Bíblia, Tradição, Razão), ele está consciente da necessidade das demais fontes do conhecimento teológico.

Em certo sentido, o pensamento de Wesley é uma teologia da experiência, e seu método é empírico, mas ele nunca fez da experiência a autoridade final. Certamente a experiência pessoal do crente é parte importante para compreensão da Bíblia e da fé, mas a experiência em si é um guia incerto. O crente deve ter a revelação da Bíblia, a experiência coletiva da Igreja em sua tradição, e a razão, como recurso para provar a sua experiência pessoal. Wesley estava bem consciente dos perigos do entusiasmo que se extraviasse numa teologia baseada somente na experiência.⁷²

a) A Tradição

Mesmo que para Wesley, o conhecimento de Deus se dá em primazia pelas Escrituras Sagradas, ele acentua que a centralidade bíblica, não deve levar a uma exegese literalista, ou ao biblicismo. Ele entende que a tradição cristã tem um lugar especial na busca do conhecimento de Deus. É uma fonte, resultado do esforço teológico de gerações, que não pode ser desprezada. Ele ressalta que a tradição iluminada pela experiência religiosa evita a religiosidade formal e abstrata, vistas nas religiões que a valorizam demais.

Ao destacar o valor da tradição, o metodismo salienta o aspecto comunitário do Cristianismo, que deve ser visto como uma religião que não pode ser vivida plenamente no isolamento, mas na interação com os outros. Ao fazer isso, Wesley está consciente da importância de uma eclesiologia participativa, de

para fazer justiça ao pensamento teológico de Wesley. Devido a isso, alguns pensadores como Theodore Runyon, advogam a presença do item 'Criação' como uma das fontes do conhecimento religioso na proposta wesleyana. Deve-se mencionar que a expressão 'quadrilátero' não se encontra em nenhuma obra de Wesley, sendo um termo criado por Albert C. Outler. Para maiores detalhes, sugere-se a leitura da seguinte obra do autor citado: O Quadrilátero Wesleyano – em John Wesley.

⁷¹ Destaca-se que a centralidade bíblica da teologia wesleyana já foi estudada acima. Portanto, não será alvo de análise neste item.

⁷² HINSON, William J. *A Dinâmica do Pensamento de Wesley*. p. 13.

uma visão de Igreja que perpassa toda a história do Cristianismo. A Igreja é corpo místico de Jesus, formada pela comunidade militante e pela triunfante (Igreja Militante e Triunfante).

A partir dessa compreensão, a tradição adquire um papel importante na obtenção do conhecimento sobre Deus. Mesmo sabendo os riscos da valorização demasiada da tradição, que historicamente tem sido instrumento que impede o surgimento de novas formas eclesiológicas libertadoras, Wesley a vê como aporte seguro para não se cair nas malhas de tentação de não considerar o agir de Deus na história. Em sua percepção a tradição pode evitar com que a comunidade de fé fique presa à postura neurótica de tentar sempre estar reconstruindo tudo de novo. Este acento wesleyano fez com que o Metodismo histórico, posteriormente estabelecesse que todas as decisões dos concílios ecumênicos até o quarto século fossem tidas como relevantes e imprescindíveis em seu escopo doutrinário.

b) A Experiência e a Razão

É notório entre os pesquisadores do Metodismo histórico o acento especial que Wesley dá à experiência religiosa no tocante ao conhecimento de Deus, pois em sua compreensão Deus é uma fonte externa ao ser humano e só pode ser percebido eficazmente através da experiência; Deus não é uma ideia inata ao ser humano.

Entretanto, a compreensão wesleyana está consciente que uma teologia construída, ou baseada única e exclusivamente na experiência tende a dar margem ao fanatismo e/ou ao subjetivismo. Devido a isso, Wesley ressalta o importante papel que a razão desempenha. Para ele, renunciar à razão equivale à renúncia da verdadeira religião. Em sua concepção, a razão não contradiz a revelação, assim como a fé cristã não exige a concordância com o que fere a inteligência, o raciocínio lógico e o bom senso.

Não obstante, ainda que não despreze a razão como fonte do conhecimento sobre Deus, Wesley está consciente das limitações da razão humana, que por si só não consegue dar conta da realidade divina. Wesley, por ser lockeano, entende que a função da razão está relacionada com a reflexão, com a análise sobre as informações obtidas pela experiência. Ela tem um papel fundamental que é o de impedir que a experiência seja deslocada, ahistórica e alienante. Segundo

Runyon⁷³, Wesley entende que o nosso conhecimento de Deus é mediado pela experiência de uma fonte exterior a nós, que, por conseguinte, não pode dispensar a razão neste processo, para não ser uma mera emoção, ou sentimento barato. A religião do coração proposta por Wesley não deve ser compreendida como uma religião focada na emoção pura e simples, no subjetivismo, mas em algo que nos leva ao compromisso com o próximo. É uma religião que não permite que o literalismo bíblico, a tradição fossilizada, a razão fria (racionalismo) impeça a afetividade, o senso comunitário e o aspecto de irmandade intrínseco ao Cristianismo.

c) A Criação

Por último, é perceptível na extensa elaboração teológica de Wesley, vista nos vários ensaios e tratados, nos sermões pregados diariamente ao povo pobre, o acento ao quinto elemento de seu sistema teológico. Para ele, a criação, concordando como o Salmo 19.1, é um importante elemento revelador das ações divinas.

Entretanto, em sua compreensão, o conhecimento adquirido pela observação da criação (da natureza) é insuficiente para nos comunicar a plenitude de Deus se ele não estiver no processo de interação com as demais fontes do conhecimento religioso. Com isso, Wesley desconstrói a concepção naturalista, que afirmava ser possível, através da via exclusiva do naturalismo, ter acesso à verdade teológica. Em sua teologia, Wesley não propõe uma religião natural, apenas acentua a criação como um elemento importante para se conhecer o criador.

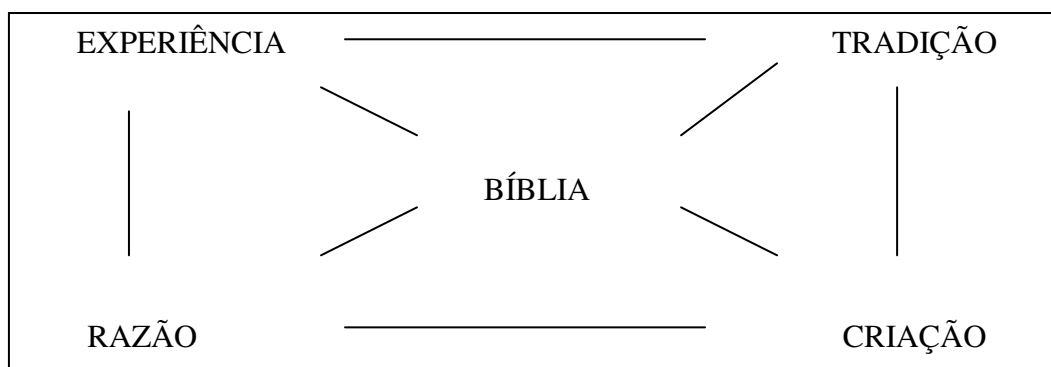
2.3. Equilíbrio Vital - Um modo equilibrado de fazer teologia⁷⁴

A teologia de Wesley propõe o equilíbrio entre os cinco pontos estruturais que constituem o quadrilátero wesleyano. Sendo assim, no modo de fazer teologia

⁷³ RUNYON, Theodore. op. cit. p. 96.

⁷⁴ Se há um tema na teologia de Wesley que possa ser usado como chave hermenêutica, que permite compreender melhor sua teologia, este seria o 'Amor Deus'. Toda compreensão de Wesley é perpassada pela gratuidade do dom de Deus e a resposta humana a este amor (Graça Responsável). Por isso, não há na concepção de Wesley uma salvação que se resume tão somente na justificação. Necessariamente nela está intrínseca a ideia de santificação, que na teologia wesleyana é entendida como santificação social. Para maiores detalhes confira: COLLINS, Kenneth J. *Teologia de John Wesley: O Amor Santo e a Forma da Graça*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

wesleyano, os elementos constituintes do quadrilátero não podem ser considerados isoladamente, mas sim, em interação dinâmica e interdependente, conforme a figura abaixo:



Por este esquema metodológico, percebe-se que a Bíblia está no centro da elaboração teológica wesleyana, confirmando que a teologia wesleyana preza pela centralidade do texto bíblico. Uma centralidade que não despreza as demais fontes que interagem. Para Hinson, o quadrilátero wesleyano demonstra, com nitidez, o equilíbrio vital e dinâmico da teologia de Wesley, que atribui peso igual aos elementos que o compõem. Isso propicia uma abertura dialógica e contemporânea que se perceberá na TSMB, pois esse modo de fazer teologia incidirá diretamente no Metodismo brasileiro, no que tange à sua postura dialogal e ecumênica.

Como se percebe, o modo de fazer teologia wesleyana não procura chamar a atenção para algum ponto, ou elemento particular da doutrina, mas procura manter todos os referenciais⁷⁵ equalizados e articulados. Da mesma forma pensa José Carlos de Souza, quando sublinha em sua obra a dinâmica equilibrada do *modus operandi* da teologia wesleyana, ao afirmar que:

Em suma, parece-nos que o aporte wesleyano decisivo, para o método teológico, não está em chamar a atenção para este ou aquele elemento em particular, nem mesmo a experiência ou a criação, e sim em manter todos esses referenciais equilibrada e dinamicamente articulados, ressaltadas a centralidade do testemunho bíblico. Por mais difícil que seja sustentar essa articulação, ela nunca deveria estar fora de nosso horizonte. Ela testifica, a um só tempo, a singularidade e a abertura, ou magnitude ecumênica, da teologia wesleyana.⁷⁶

⁷⁵ Wesley insiste em que o conhecimento teológico é adquirido através da observação de quatro elementos, ou fontes do conhecimento religioso, a saber: Bíblia, Fé, Tradição e a Razão.

⁷⁶ SOUZA, José Carlos de. Fazendo teologia numa perspectiva wesleyana. In: *Caminhando*, 300 Anos de John Wesley. Ano VIII, nº 12 – 2º Semestre de 2003. p. 139.

Sem dúvida, é justificável afirmar que este modo de fazer teologia é um aspecto singular e dinâmico da teologia wesleyana, que demonstra uma capacidade dialógica além de seu tempo, que a capacita a interagir positivamente com a pós-modernidade.

Há que se destacar, em primeiro lugar, que João Wesley não restringe a tarefa teológica à mera exposição doutrinária. Muito embora acolhesse, na totalidade, as convicções centrais do cristianismo histórico, Wesley jamais identificou a sua posição com a defesa intransigente da ortodoxia. Nada, nem mesmo formulações teológicas bem estruturadas, *podem antepor* à vivência da fé e do amor. “Porque havendo ainda amor, mesmo com muitas opiniões errôneas, ele pode ser preferido à verdade, despojada do amor” (Sermões I, p.25).⁷⁷

A grande preocupação de Wesley não é exaltar a ortodoxia doutrinária, mas atender as necessidades de seus contemporâneos que viviam à margem do processo de desenvolvimento social, dando-lhes uma alternativa frente à frieza e à apatia religiosa anglicana. Para Helmut, a teologia de Wesley é tecida permeada pelas necessidades prementes, e por isso, se tornou um instrumento de mudança social significativo:

Wesley constrói a sua teologia a partir da necessidade pastoral de unir esforços, doutrinas e práticas para transformá-los em ferramentas eficazes para a transformação e mobilização, a longo prazo, tanto no nível pessoal como comunitário, eclesiástico e público.⁷⁸

O objetivo principal da teologia wesleyana é a prática social do Cristianismo; os pobres precisavam ser atendidos e a mera busca pela ortodoxia não apontava caminhos libertadores. Ela insiste que a Igreja precisa estar aberta às questões que mais tocam o ser humano. Portanto, propõe um equilíbrio entre doutrina e vida, entre religião e caridade, conforme Hinson destaca:

O conceito de Wesley da vida cristã tem a mesma natureza equilibrada do resto de sua teologia. Este equilíbrio pode ser visto nos diversos aspectos de sua ética. Ele procura manter equilíbrio entre os elementos espirituais e morais da vida cristã. De um lado, ele fala da necessidade do amor, louvor, e comunhão com Deus em oração, adoração e estudo de sua palavra. De outro lado, fala da importância de nossos deveres morais ao nosso próximo: de amor e serviço.⁷⁹

Esse equilíbrio perpassa toda elaboração teológica wesleyana, que se mostra aberta às contribuições de outras expressões do Cristianismo. Pois ao focar os elementos presentes no quadrilátero, Wesley se mostra devedor de fontes

⁷⁷ Caminhando. *Teologia Em Perspectiva Wesleyana: Marcas Metodistas*. nº 6. p. 14.

⁷⁸ RENDERS, Helmut. *Andar Como Cristo Andou: A Salvação Social em John Wesley*. p.316.

⁷⁹ HINSON, William J. *A Dinâmica do Pensamento de Wesley*. p.29.

anteriores e contemporâneas de sua época. Assim como o Protestantismo clássico e os puritanos, Wesley destaca a Bíblia como autoridade final; com os grupos mais sectários do Protestantismo, ele aprendeu a importância do testemunho interno do Espírito, que confirma a salvação do crente; como o pietismo, a teologia wesleyana também insiste em valorizar a experiência pessoal; dos anglicanos recebeu a percepção de outras fontes do conhecimento religioso, através do acolhimento da tríade (Bíblia, Tradição e Razão) como elementos importantes para se compreender Deus; com os católicos, aprendeu o papel especial que a tradição desempenha no pensar teológico da Igreja, para que a mesma não venha a repetir os erros do passado; com os racionalistas, Wesley destaca o valor essencial da razão, que esclarece a torpeza do entendimento.

Ainda que pareça que a teologia wesleyana aponte para um ecletismo teológico, isto não se justifica quando analisamos as suas ênfases e acentos. O método wesleyano se distingue pelo esforço em manter o equilíbrio entre todas as partes, evitando-se assim as posições extremadas.

2.3.1. O equilíbrio no conceito de Salvação: Uma soteriologia social entrelaçada com o conceito de santificação social

É no conceito de salvação que o equilíbrio wesleyano se desdobra, pois se apresenta para além de seu tempo. Wesley não concebe uma ideia de salvação estática e pronta, algo que é alcançado sem a participação do ser humano. Ao contrário, sua ênfase numa salvação social vai ao encontro de São Tiago, em sua forte ênfase numa salvação que vai se construindo, se enraizando na realidade histórica, na vida, no cotidiano. A ideia de uma salvação que envolve os atos de piedade e os atos de misericórdia marca decisivamente a teologia wesleyana. Nisso ela difere da concepção tanto do protestantismo luterano e calvinista, como do anglicanismo clássico.

A salvação na concepção wesleyana deve ser entendida como uma experiência dinâmica, processual e transformadora, que indubitavelmente leva o crente ao serviço do próximo. Não há na teologia wesleyana a predominância do conceito de uma salvação que se realiza, ou que se concretize plenamente no ato do arrependimento, como acontece na teologia luterana.

Segundo Renders⁸⁰, este equilíbrio dinâmico visto na exposição do quadrilátero wesleyano e o conceito de salvação, que ele chama de soteriologia social, presentes na via média anglicana, é um acento da “anglicidade” do pensamento de Wesley. Ele sustenta que na visão wesleyana de salvação está posta a idéia de que a conversão do ser humano incide determinantemente para a mudança de relação e relacionamento com o cosmo. Ninguém é salvo sozinho, mas na partilha da vida, no exercício da piedade e da misericórdia. A minha salvação, em Wesley, é sempre nossa, pois envolve mudança da realidade social, e devido a isso, ela deve ser compreendida como salvação social. Não há realidades separadas, assim como o ser humano, a realidade é integral.

Na teologia wesleyana, a salvação é um processo que se desenvolve ao longo do caminho e que tem seu clímax na santificação. Uma santificação que se relaciona com a ideia de incorporação na vida diária do crente da maior premissa divina que é o amor, um amor que não se enquadra numa concepção subjetiva platônica, mas na dinâmica do pensamento judaico de atitudes práticas. Então, para Wesley, a santificação é entendida como amor ao próximo (atos de misericórdia) e a Deus.

Ser santo, no pensamento wesleyano, significa ser perfeito em amor, um amor intenso em relação a Deus, assim como ao ser humano. Não há a ideia de uma santidade privada em Wesley. Para Gonzalez, há uma convocação de engajamento social na concepção wesleyana de santidade: “A doutrina wesleyana da santidade, corretamente entendida, há de levar-nos para mais além de qualquer pseudossantidade privada individualista, e chamar-nos a *sermos* fieis nos âmbitos mais amplos da vida social, política e econômica.”⁸¹

Ao ter esse acento, Wesley está atribuindo um importante lugar às boas obras no processo da salvação. Pois, segundo ele, a salvação que é operada tão somente pela fé, encontra seu clímax nas boas obras. Para ele, “o amor de Deus leva naturalmente às obras de misericórdia; da mesma forma, o amor ao próximo leva a obras de piedade”⁸², assim como a falta de um desses elementos posterga a renovação da imagem de Deus (*Imago Dei*) no ser humano, tocado pela graça. Assim Wesley se pronuncia:

⁸⁰ RENDERS, Helmut. *Andar Como Cristo Andou: A Salvação Social em John Wesley*. p. 91 -100.

⁸¹ GONZÁLES, Justo L. *Wesley Para América Latina Hoje*. p. 74.

⁸² WESLEY, John *apud* RENDERS, Helmut. op.cit.. p. 275

‘Santos solidários’ é uma frase tão pouco consistente com o evangelho quanto ‘santos adúlteros’. O evangelho de Cristo não conhece nenhuma religião que não seja social; nenhuma santidade que não seja santidade social. A fé que trabalha por amor é a largura, o comprimento, a profundidade e a altura da perfeição cristã. Este mandamento recebeu de Cristo: quem ama a Deus, ame também a seu irmão.⁸³

Wesley desenvolve um conceito equilibrado de salvação, entrelaçado com a santificação que abarca a realidade humana com seus esforços. Por isso, Runyon está correto ao acentuar, assim como Clóvis Pinto, a dimensão comunitária da salvação wesleyana, ao afirmar que para Wesley:

A salvação, portanto consiste não apenas na reconciliação, mas nos serviço; não só na vivência da realidade e presença de Deus, mas numa vida vivida a partir dessa realidade, estendendo o divino poder transformador a todo aspecto tanto da existência individual quanto da social.⁸⁴

Para Clovis Pinto, a teologia wesleyana propõe uma santificação que engloba a dimensão sociocomunitária da fé, pois ele entende que em Wesley é refutada a ênfase do pietismo moraviano de uma salvação acabada, que não precisa ser construída e de uma santidade solitária sem responsabilidades com a realidade humana conflitante.

Para Wesley, a santificação se desenvolve na inter-relação humana. A justificação pressupõe um ato de fé pessoal e intransferível; a santificação implica na existência do outro, do próximo, tanto no nível comunitário eclesial como no espaço público. Para Wesley, as pessoas não se santificam sozinhas. A santificação, na perspectiva wesleyana, é sociocomunitária... A santificação pressupõe a vida comunitária e a inserção dos cristãos no espaço público.⁸⁵

Hinson concorda que “o Equilíbrio da doutrina da salvação de Wesley pode ser visto também na interpretação da relação entre a fé e as obras”⁸⁶, que, segundo esta tese, se evidencia como uma forte influência do texto de São Tiago, da leitura dos místicos clássicos, da leitura atenta aos textos dos pais da Igreja, e da influência católica em Wesley⁸⁷. Ainda que Wesley corrobore com a máxima

⁸³ WESLEY, João apud SOUZA JOSGRILBERG, Rui. A motivação originária da teologia wesleyana: o caminho da salvação. In: *Caminhando, 300 Anos de John Wesley*. Ano VIII, nº 12 – 2º Semestre de 2003. p. 104.

⁸⁴ RUNYON, Theodore. *A Nova Criação: a teologia de João Wesley hoje*. p.277.

⁸⁵ CASTRO, Clovis Pinto. *Viver na dimensão do cuidado – A relação entre santidade social e a vocação pública do metodismo*. In: *Caminhando, 300 Anos de John Wesley*. Ano VIII, nº 12 – 2º Semestre de 2003. p. 278.

⁸⁶ HINSON, William J. *A Dinâmica do Pensamento de Wesley*. op.cit. p.26.

⁸⁷ Para melhor perceber esta influência, indica-se a leitura da obra: RENDERS, Helmut. *Andar Como Cristo Andou: A Salvação Social em John Wesley*.

protestante luterana que as obras não salvam, ele acentua que elas são necessárias para confirmar a Fé que salva.

Para ele, a salvação sempre é um ato de Deus, pois somos salvos pela graça mediante a fé em Jesus Cristo. Porém, ressalta o equilíbrio em seu conceito soteriológico e afirma que a salvação somente é operada mediante a decisão humana. O ser humano sempre terá o direito de querê-la ou de rejeitá-la. Segundo sua compreensão, Deus ainda que tenha nos feito sem nós, não nos salva sem nós. Deus não viola a liberdade humana, mas opera por meia dela.

Na teologia wesleyana, os atos de piedade (oração, jejum, meditação, leitura da Bíblia, adoração, louvor) têm o mesmo peso e importância que os atos de misericórdia (fazer o bem ao próximo, caridade, autodoação). Partindo desta compreensão, os metodistas afirmam que a fé que salva é a fé que realiza atos de misericórdia, que realiza obras.

Logo, a fé genuína, na concepção wesleyana é operosa em boas obras e leva o crente a viver uma espiritualidade comprometida com a realidade e com a necessidade humana. Ressalta-se que esta compreensão foi determinante para fomentar a consciência e testemunho sociais que estiveram presentes no Metodismo do século XVIII.

2.4. Espiritualidade Engajada

A soteriologia social wesleyana permeada pelos seus aspectos comunitários, sinérgicos e públicos, dá origem e ao mesmo tempo é fecundada e dinamizada por uma espiritualidade encarnada, comprometida com a realidade humana. Uma espiritualidade que impede o cultivo de uma visão dicotômica dessa realidade e do próprio ser humano, conceitos oriundos da religião privada. A espiritualidade wesleyana acentua que a relação de profundidade com Deus perpassa sempre a relação também com o outro. Não há negação da existência do outro, mas, ao contrário, o encontro com ele. Advoga-se que essa percepção integral da realidade demonstra o quanto a teologia wesleyana, além de seu tempo originante, tem enormes possibilidades de dialogar com a modernidade.

Para Wesley, a verdadeira espiritualidade⁸⁸ cristã redundava em compromisso com a transformação da realidade que cerca os crentes. Por isso, ele insiste na necessidade de a Igreja desenvolver uma ação pastoral que vise à

⁸⁸ *Caminhando*. Teologia Em Perspectiva Wesleyana: Marcas Metodistas. nº 6. p. 55.

libertação integral do ser humano. Ele propõe que esta espiritualidade que está entrelaçada com o roteiro da trama histórica leve a Igreja a se perceber como servidora de Deus neste mundo. A Igreja não está na posição de ser servida, de mandatária e, sim, repetindo a seu Senhor, deve-se colocar na condição de serva e de acolhedora dos pobres. Esta eclesiologia proposta contesta a visão de uma Igreja que se abriga em castelos e que se serve da relação de proximidade do poder dominador. Foi essa concepção que levou o Metodismo nascente a renunciar e denunciar os ricos e a preferir os pobres.

Diferente do Pietismo e de alguns místicos medievais, místicos do isolamento, Wesley propõe o caminho de inserção na realidade, de engajar-se em restaurar este mundo de suas mazelas e feridas. Afirma que tinha convicção de que Deus havia levantado o ‘povo metodista’⁸⁹, expressão de seu próprio cunho, não para fundar uma nova seita, mas para reformar, especialmente a Igreja e espalhar a santidade em toda a terra⁹⁰. Este conceito de espiritualidade metodista propõe o envolvimento do cristão com a realidade social e econômica. Um envolvimento que, necessariamente, deve levar a um agir libertador, sempre arriscado, porém necessário.

Wesley não concebe um Cristianismo alienado das questões sociais, da realidade que oprime os povos. Por isso, o Metodismo primitivo foi vigoroso em sua denúncia dos males sociais que assolavam seus contemporâneos. Foi contundente em sua denúncia contra a opressão dos pobres, dos negros, das crianças, das mulheres, sempre se colocando ao lado dessa enorme parcela da sociedade oprimida. Isso ficou claro no primeiro capítulo desta pesquisa, quando foram evidenciadas as conquistas sociais resultantes do engajamento social e libertador do movimento metodista; sua luta contra a escravidão, contra a bebida alcoólica, luta sem trégua a favor dos pobres e a criação de dezenas de instituições de auxílio.

Para Wesley, o trabalho de “salvar almas” envolve também amor pessoal e justiça social. Assim, sua reforma espiritual produziu a melhoria da vida social e econômica. Wesley não somente lutou contra vários males de sua época em nome do amor cristão, mas também derivou um princípio muito importante para a ordem econômica: o homem que ama o seu próximo não pode ganhar dinheiro de maneira tal que possa prejudicar o seu bem-estar. Não pode tentar arruinar o

⁸⁹ Expressão usada por Wesley ao se referir ao conjunto das sociedades metodistas existentes na Grã-Bretanha e nos EUA.

⁹⁰ WESLEY, John apud SOUZA, José Carlos. *Leiga, ministerial e ecumênica: a Igreja no pensamento de John Wesley*. p.67.

negócio do próximo. Diz ele: “ninguém pode ganhar à custa de devorar os bens de seu próximo sem ganhar a condenação do inferno.”⁹¹

Em Wesley, encontramos a concepção de que a conversão a Cristo aponta também para a transformação da cultura. Nessa concepção, o ser humano, transformado, muda também a realidade em que está inserido. Na concepção wesleyana, a conversão deve levar a sociedade a vivenciar uma nova relação econômica e social. Em sua compreensão, a fé é sempre relacional. Ela não pode ser vivida sem ser compartilhada, conforme nos aponta Rui Josgrilberg:

A fé, para Wesley que tinha um caminho, é essencialmente relacional e se realiza e se desenvolve pelas relações que estabelecem. A fé não é um estado da alma que se basta fechada em si mesma. A fé é dada como uma disposição aberta para uma vida em companheirismo com Deus e com a criação. Uma fé relacional implica que nossa consciência dela só se torna possível por um princípio de reciprocidade entre pessoas. (...) A Fé relacional mostra uma característica típica da compreensão wesleyana da fé e da graça: para ser vivida, a fé necessita ser compartilhada. Wesley insiste, em muitas ocasiões, nesse aspecto.⁹²

Estas percepções dão um tom diferente na espiritualidade proposta pelo movimento metodista, que a faz diferir das expressões de fé vivenciadas por parte do Cristianismo presente na Inglaterra do século XVIII.

É inconcebível o isolamento da Igreja frente aos problemas que afligem a população. Quando essa postura é tomada, iluminados pela concepção wesleyana de espiritualidade, compreende-se que a Igreja deve ser sempre questionada, denunciada como atrelada ao *status quo*. Quando ela se recusa a assumir sua responsabilidade social, está negando o Evangelho de Cristo, barateando seu conteúdo; em síntese, está desconsiderando a vida e a morte libertadoras de seu Senhor.

A Igreja não poderia ficar isenta a essas transformações (transformações sociais e as consequentes crises produzidas). Ela também se agita dentro de si mesma, compartilhando das aflições do mundo. Ainda que muitos, dentro dela, não desejem mudanças, outros, que a ela também pertencem, procuram colocá-la em melhor harmonia com o momento.⁹³

Em sua compreensão sobre a espiritualidade cristã, Wesley insiste em reafirmar o caráter social do Cristianismo, afirmando que ele é uma religião essencialmente social, que não pode subsistir longe e sem o povo.

⁹¹ HINSON, William J. *A Dinâmica do Pensamento de Wesley*. p.36.

⁹² SOUZA JOSGRILBERG, Rui de. A Motivação originária da teologia wesleyana: o caminho da salvação. In: *Revista Caminhando*, nº 12. p.113.

⁹³ PEREIRA MATTOS, Domício. *Posição Social da Igreja*. p. 9

Esforçar-me-ei por mostrar que o Cristianismo é essencialmente uma religião social; e que reduzi-la tão só a uma expressão solitária é destruí-la [...] Quando digo: esta é essencialmente uma religião social, digo que não só ela precisa da sociedade para existir, mas que não pode subsistir, de nenhuma forma sem ela; isto é, que deve viver e conviver entre seres humanos.⁹⁴

Esta concepção wesleyana foca a necessidade de se unir atos de piedade (culto, práticas espirituais) e atos de misericórdias, vendo-as como faces da mesma moeda. Os atos de misericórdia não podem ser isolados dos atos de piedade, que, por conseguinte, devem expressar-se na prática de atos de solidariedade. A fé cristã deve levar a atender o necessitado e sempre se colocar ao lado daquele/a que é marginalizado e oprimido.

A visão de espiritualidade wesleyana abrange o ser humano total e a totalidade da vida. O material e o natural, o pessoal e o social, as condições concretas de vida como o dinheiro, a família, o trabalho, o estudo, a saúde, são partes efetivas da espiritualidade. Há uma relação estrutural, indissociável entre o espírito humano e a ação do Espírito Santo, que envolve todas as esferas práticas e materiais da vida. Nenhum destes aspectos, inclusive a criação como um todo, escapou de observações e análises de Wesley, de tal modo que, o bem-estar físico e social fosse parte da saúde espiritual.⁹⁵

Na compreensão desta tese, a espiritualidade proposta é um dos aspectos mais encantadores da teologia wesleyana e se configura como um dos aportes para o testemunho social do movimento metodista. Também se entende ser este, o aspecto da teologia wesleyana que melhor fundamenta a teologia social do Metodismo brasileiro, expressa no documento Credo Social, que será analisado posteriormente. Destaca-se que, ao se analisar o Metodismo, se percebe que esta visão teológica marca profundamente a ação missionária da Igreja nos lugares onde o movimento se faz presente. No Brasil, em especial, esta característica norteia todo o pensamento social dos metodistas expresso no documento Credo Social. Em tese, afirma-se que o testemunho social e o agir missionário libertador do Metodismo brasileiro estão intrinsecamente relacionados, fundamentados na concepção de espiritualidade wesleyana.

⁹⁴ WESLEY, John. Apud UBERTO BARBIERI, Sante. *Aspectos do Metodismo Histórico*. p.9.

⁹⁵ *Caminhando*. Teologia Em Perspectiva Wesleyana: Marcas Metodistas. nº 6. p. 55.

Conclusão

Ao final deste capítulo, algumas considerações devem ser elencadas no que tange à proposta da teologia wesleyana, para que se venha a perceber sua magnitude e modernidade. É importante destacar que a teologia de Wesley tem como um dos seus grandes objetivos fazer com que o Cristianismo, até então desgastado e apático às barbáries que eram cometidas, tivesse sentido para a vida das pessoas simples, aos pobres que não eram assistidos pela religião oficial e para a grande maioria das expressões de fé presentes na Inglaterra do século XVIII.

Tendo esse horizonte em foco, deve-se tomar cuidado em tentar exigir da Teologia Wesleyana os mesmos procedimentos da teologia sistemática clássica tanto protestante, quanto católica, pois se cometeria erros metodológicos no tocante à relevância do pensamento wesleyano. A teologia de Wesley, diferente das teologias clássicas, elaboradas nos conventos e nos castelos, foi sendo tecida e construída ao longo de seus 88 anos, na maior parte deles, vividos juntos aos bolsões de pobreza da Inglaterra. Isso significa afirmar que a teologia wesleyana foi sendo forjada no calor das grandes irrupções sociais e econômicas que a sociedade britânica, às portas da modernidade, estava vivenciando. Ela procura dar conta da realidade e se fazer entendida pelas pessoas simples. É uma teologia que se encontra nos sermões, no diário, nas notas sobre o Novo Testamento, nos pequenos ensaios escritos por Wesley no decorrer de sua existência. Isso fez com que a realidade histórica tivesse bastante incidência sobre seu pensamento teológico. Devido a esta enriquecedora postura e à modernidade processual, é comum entre os estudiosos do Metodismo o uso de algumas expressões especiais para se referir à teologia wesleyana, tais como: teologia *ad populum*, teologia *viatorum*, teologia do caminho, teologia das contingências, teologia do cotidiano. Nesta tese, se entende que essas expressões conseguem pintar uma imagem próxima e muito boa das intenções de Wesley.

Ainda que para certos segmentos teológicos, afeitos à rigidez processual, a ausência do rigorismo metodológico e as constantes mudanças nos conceitos e ênfases percebidas na elaboração teológica de Wesley devam ser vistos como aspectos depreciadores, entende-se que tal julgamento só subsiste se não se levar em conta os horizontes em que Wesley caminha e a pastoral que propõe. A

teologia wesleyana não tem a pretensão de ser inserida no seletivo grupo das teologias sistemáticas e, sim, em ser sal e luz nesta terra, de revelar através de atos libertadores o amor de Deus. Em sua teologia, Wesley propõe uma nova reforma na Igreja, para que a mesma tenha sentido e contemporaneidade. E isso, ele consegue provocar com sua agudeza e denúncia proféticas.

Logo, aquilo que a princípio pode transparecer fragilidade teológica, se vislumbra como moderno, vigoroso, contextual e um caminho seguro para a Igreja do presente momento. O forte testemunho social libertador do Metodismo primitivo, tido por Richard Niebuhr, como o último dos grandes movimentos da Igreja dos deserdados, questiona a eficiência e a eficácia do agir da Igreja atual e se apresenta como elemento incontestável de grandeza para o contexto da América Latina.

Wesley é filho da modernidade, ou melhor, foi influenciado decisivamente por conceitos modernos, que permeiam seu pensamento, às vezes levemente, às vezes mais reiteradamente. Sua teologia foi desenvolvida no limiar dessa nova era e está atenta às demandas do novo homem que surgia, autônomo e desejoso de viver o novo tempo que se aproximava. Este novo estágio da história da humanidade foi marcado pela ruptura de paradigmas e pela passagem de uma Igreja fundada em elementos ainda medievais; uma Igreja presa a conceitos estáticos, a uma visão mística da natureza e, ainda, refém de uma fé que se opõe e se subordina à razão. Nota-se que Wesley leu os pensadores clássicos da filosofia: Aristóteles, Platão; leu, também, os pais do pensamento moderno, como Descartes, John Locke, entre outros, assim como teve conhecimento das ideias de Voltaire. Percebe-se o quanto essas leituras o influenciaram, dando tonalidade e densidade especiais ao pensamento teológico desenvolvido.

Sua teologia incorpora elementos que estão presentes na modernidade, tais como: a) nova visão antropológica (o homem como pessoa autônoma e livre); b) percepção do dinamismo da história; c) ênfase na razão que não se subordina a fé, mas que dialoga com a mesma; d) abertura da Igreja para os conceitos novos da ciência; e) o valor dado à educação como processo libertador do ser humano; f) defesa da igualdade de todos os homens e mulheres; g) apoio ao direito da sociedade civil de se organizar livremente de forma democrática; h) ênfase numa eclesiologia não hierárquica, mas ministerial; i) destaque no princípio do sacerdócio universal de todos os crentes.

Todos esses elementos, aliados à visão de uma espiritualidade engajada, fruto da compreensão de que o Cristianismo é uma religião essencialmente social, demonstram as bases sólidas e libertadoras que sustentam a teologia social do Metodismo brasileiro, assunto que será apresentado e discutido nos próximos capítulos.